

JORNAL DO GUARÁ



ENCARTE DA EDIÇÃO DE ABRIL/88

GUARÁ Há 19 anos, um mutirão Hoje, 160 mil habitantes

Em 1966, o então prefeito do Distrito Federal – naquela época não existia governador do DF – Wadjô Gomide, começava a se preocupar em atender com casa própria os funcionários de níveis mais baixos lotados em todas as repartições e empresas do seu Governo. Se o GDF construísse essas casas, teria que financiá-las, o que continuaria sacrificando os salários daquela faixa. Incentivados por alguns funcionários, o prefeito e o superintendente da Novacap, Rogério Freitas Cunha, levaram avante a idéia que amadureceram de fazer um mutirão, que serviria como piloto, onde os funcionários que se interessassem em ter suas próprias casas pudessem construí-las, todos se ajudando mutuamente e sendo ajudados pelo Governo.

Como já existia desde 1964 a Vila Guará, próxima ao Setor de Indústria, ali acabou sendo o local escolhido para o mutirão. Em novembro de 1967 surgiu o primeiro grupo de 10 casas, onde viria a ser a QI 05. As casas eram construídas to-

talmente pelos interessados, utilizando material financiado pela Novacap, descontado em folha.

Essa fase considerada experimental do Mutirão, despertou os outros funcionários que ainda não acreditavam na idéia. A segunda fase concluída em agosto de 1968 já contava com 746 residências.

Depois de prontas, as casas eram sorteadas entre os participantes do mutirão. Como somente tinha direito a essas casas os que trabalhavam, logicamente os homens é que tinham as oportunidades.

Ao redor do primeiro grupo de casas só havia mato e dentro, barro e poeira. Inicialmente foi instalado o abastecimento de água, mas não havia energia elétrica. A luz vinha dos lampiões a velas. A única opção de lazer era uma academia de Judô e Telekat, uma espécie de luta-livre que fez muito sucesso na televisão. Na mesma casa onde estava a Academia, eram promovidas festinhas nos finais de semana, onde alguns se cotizavam para comprar a bebida

e outros participavam com os salgados e comidas.

Paralelamente àquele trabalho pioneiro, a SHIS – Sociedade de Habitação de Interesse Social, prosseguia com a construção de mais 3.000 (três mil) unidades residenciais, que somadas às anteriores, constituíram o Núcleo Inicial do Guará I. Em 21 de abril de 1969, foi inaugurado o Setor Residencial – Guará, pelo Presidente da República, o Prefeito da Cidade e autoridades federais, quando já haviam 2.623 casas construídas e 1.021 outras em construção, abrigando uma população em torno de 25.000 (vinte e cinco mil) habitantes.

O GUARÁ II

Em setembro de 1969, o Setor Residencial Industrial e de Abastecimento – SRIA, foi ampliado para o sul, além da rede de alta tensão da CELG, em direção ao Núcleo Bandeirante, com o objetivo de aten-

der aos funcionários públicos de menor renda que estavam sendo transferidos para Brasília, juntamente com os últimos Ministérios, além de industriários e comerciários inscritos na SHIS.

Aos 2.994 quilômetros quadrados do Guará acrescia-se mais 5.136, totalizando 8,13 quilômetros quadrados.

Transferidos na maior parte à revelia dos seus gostos, os funcionários públicos que viam do Rio de Janeiro se assustavam com a lama e a poeira em que se transformara o Guará. Muitos deles preferiram abandonar os empregos e voltar para o Rio. Mesmo depois de concluído, o Guará II não despertava muito interesse dos contemplados, sendo que muitos nem chegaram a ocupar suas casas, vendendo os direitos ou simplesmente abandonando-as.

As quadras mais baixas eram constantemente alagadas na época das chuvas e a enchurrada levava a lama para dentro das casas. Uma nova rede de águas fluviais resolveu

definitivamente a aflição dos moradores que ainda ficaram, pois muitos deles não aguentaram e foram embora.

Em 1984, o então administrador regional, Francisco Brandes, resolveu atender aos reclamos dos que se sentiam incomodados com o barulho das oficinas nas residências, e ao mesmo tempo atender a esses trabalhadores que reclamavam mais espaço, e criou o Setor de Indústrias do Guará, que ficou conhecido como Setor de Oficinas.

Em 1985, o governador José Ornellas, já no final do seu governo, desenvolveu um programa de assentamento de favelados. Somente no Guará foram assentadas 523 famílias que moravam precariamente na Vila União, Guarazinho, Vila Socó e Vila da Ceb. Dois anos depois, mais 200 famílias vindas da Vila Guarani e da 210 Norte reforçavam a QE 38.

Em 1987, a população do Guará era aumentada com a inauguração do Conjunto Lúcio Costa que passa a ter a jurisdição da Administração.



O GUARÁ EM 88

Os números do desenvolvimento



ASPECTOS URBANOS

- 52 quadras
- 17 praças
- 59 abrigos (pontos de ônibus)
- 06 vias (3 saídas e acessos ZOO, EPTG e N. BAND. 01 central, 02 contornos e 02 internas)
- 69 centros comerciais projetados (22 a construir)

LIMITES E CONFRONTAÇÕES

- Ao Norte - Estrada Parque Taguatinga
- Ao Sul - Jardim Zoológico
- Ao Leste - Comando Naval
- Ao Oeste - Rede Ferroviária

RELIGIÃO

- 03 Templos Católicos
- 16 Templos Protestantes
- 06 Templos Espíritas e Espiritualistas
- 04 Templos Umbandistas
- 01 Igreja Mórmon

EDUCAÇÃO

ESCOLAS:

Complexo Escolar "A"

- 18 escolas (jardim de infância, 1º e 2º graus)
- 1.380 professores
- 20.000 alunos

Particulares

- 4 colégios, 20 escolinhas e 3 creches
- 13.000 alunos

ASPECTOS FÍSICOS

- Altitude 1.104.183
- Clima médio 23º
- Precipitação pluviométrica..... 1.600mm³

COMUNICAÇÕES

- Empresa de Correios e Telégrafos
- TELEBRÁSILIA (extensão da rede 12.000m)

BACIAS HIDROGRÁFICAS

- Córrego Vicente Pires
- Córrego Guará

TELEFONES INSTALADOS

- 19.241 residenciais
- 448 comerciais
- 36 públicos (30 orlhões)
- 08 oficiais

SAÚDE

- 01 Posto de Emergência do INAMPS
- 01 Posto de Saúde da FHDF - Guará I (ambulatório)
- 02 Clínica de Atendimento Infantil
- 01 Clínica Médica
- 02 Laboratórios de Análises (particulares)
- 13 Consultórios médicos
- 25 Gabinetes odontológicos
- 01 Inspeção de Saúde
- 01 Posto de Saúde da FHDF - Guará II

ASPECTOS ECONÔMICOS

- Renda "per capita" anualCz\$ 25.000,00 (dez/87).
- Renda familiar Cz\$ 60.000,00

ESPORTES E RECREAÇÃO

- 01 cinema
- 02 Clubes Sociais
- 01 Clube Profissional
- 17 Mini centros
- 01 Conjunto de esportes
- 04 Academias de Judô (massagens, esportes e enfermagem)
- CAVE - Centro Administrativo, Vivencial e Esportivo

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

- Estabelecimentos comerciais de modalidades diversas dentro do zoneamento..... 443
- Oficinas, Serviços e Comércio, fora do zoneamento..... 86
- Supermercados..... 13
- Farmácias e drogarias..... 19
- Bancas de Jornais e revistas... 22
- Postos de gasolina..... 3

DISTÂNCIAS

- Guará-Taguatinga..... 8km
- Guará-Plano Piloto..... 6km
- Guará-Núcleo Bandeirante.....06km

DENSIDADE DEMOGRÁFICA

- População estimada 160.000 hab.
- Densidade demográfica 19.000 hab p/km²
- Casas isoladas 8.305
- Apartamentos (88 blocos construídos) 7.613
- HabitacõesTotal 20.547.

Feira-livre com 520 bancas de produtos horti-fruti-granjeiros, confecções e artesanato

ASPECTOS FÍSICOS E SISTEMA HÍDRICOS

ÁREAS

- Guará I 2.994.640 m²
- Guará II 5.135.902 m²
- CAVE 468.280 m²
- 8.598.822 m² + ou - 8.6 Km²

ESTABELECIMENTOS FINANCEIROS

- Banco Regional de Brasília - BRB
- Caixa Econômica Federal - CEF
- Banco do Brasil - BB

Caderno Especial "Guará 19 anos".
Suplemento Jornal do Guará Abril/87.

Edição: Alcir Alves de Souza
(Jorn. Prof. Reg. 766/DF).

Ed. Consei, nº 314 - Guará II - Fone 568-5939.

Da obstinação de Rogério Freitas Cunha, do mutirão nasce uma cidade

Se os 160 mil habitantes do Guará moram próximos aos seus locais de trabalho e gozam do privilégio de morar num local valorizado e com poucos problemas de infra-estrutura, devem isso em grande parte do dr. Rogério Freitas Cunha. Foi ele quem idealizou e foi um dos maiores incentivadores do mutirão do Guará.

Quando o Guará foi criado, o prefeito do Distrito Federal era Wadjô da Costa Gomide. Porém, antes dele ser prefeito tinha sido subordinado a Rogério de Freitas Cunha. Rogério era Chefe dos Sub-prefeitos (uma espécie de Administradores Regionais da época) e Wadjô era o subprefeito do Núcleo Bandeirante.

Nos contatos que mantinham constantemente, Rogério dizia a Wadjô dos planos de um dia promover um grande mutirão em Brasília, onde pudesse ser utilizado também a cibernética, seu hobby, ou seja, onde o computador pudesse ajudar de alguma forma.

Logo depois, Wadjô Gomide foi indicado superintendente da SHIS, e começou a planejar também um local mais próximo onde pudesse abrigar a grande massa de funcionários que estava sendo transferida para Brasília, além da que já estava aqui.

Quando Wadjô Gomide assumiu a prefeitura do DF, imediatamente procurou Rogério Freitas Cunha e disse a ele que essa cidade para os funcionários seria a do mutirão. Rogério passou então a executar, já como superintendente da Novacap, o seu grande sonho.

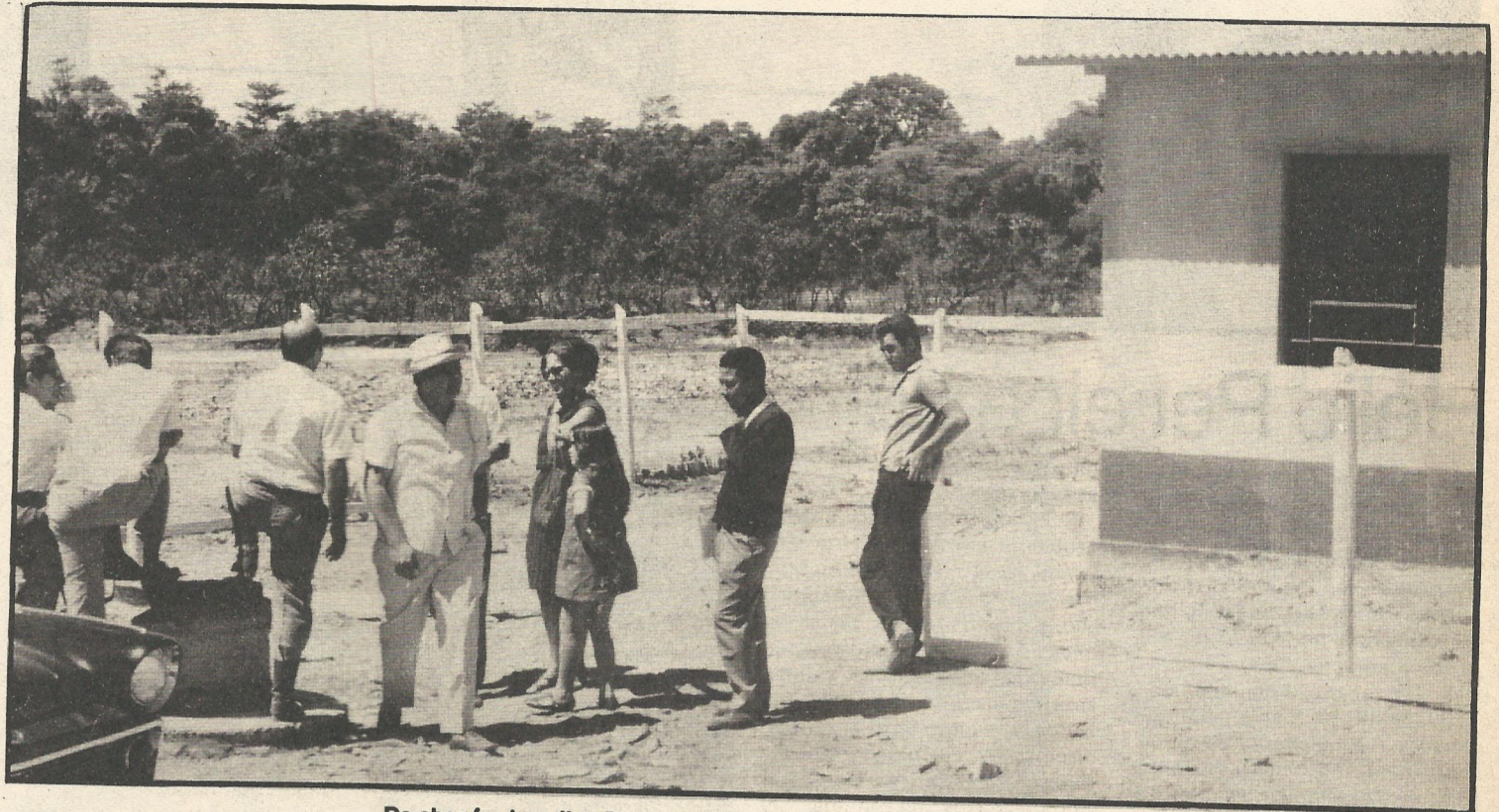
POUCOS ACREDITAVAM

O início do mutirão foi muito difícil. Havia uma descrença geral no projeto, inclusive dentro da própria equipe do Governo do DF. Mas o mutirão para Rogério Freitas Cunha já estava predeterminado.

— Era o meu sonho. Eu faria o mutirão até dentro d'água, dizia ele.

O local mais próximo e mais adequado seria onde estava localizada a Vila Guará. Como a idéia era dar um suporte em termos de moradia ao Setor de Indústria e Abastecimento, foi este o local escolhido.

Para começar o mutirão, Rogério Freitas reuniu 100 interessados dentro da Novacap, e entre eles escolheu 30 para iniciar o mutirão.



De chapéu de palha, Rogério inspeciona as obras do início da cidade

— Depois que todos viram o que estávamos fazendo, recebemos tantas adesões que tivemos que deixar de cadastrar muita gente.

À medida que o mutirão ia tomando corpo, as modificações iam aparecendo, principalmente por sugestões dos próprios participantes.

— Tudo aquilo era uma maravilha. Era lindo ver as pessoas se ajudando mutuamente, com o único objetivo de ver o bem coletivo. E interessante eram as contribuições de cada um, com idéias, com novas propostas e com trabalho. O projeto inicial do que seriam as casas foi muito modificado pelos pioneiros, baseados nas suas experiências que, para nós, eram muito importantes.

SAIU LOGO DEPOIS

Como o mutirão cresceu muito mais do que acreditava, Rogério Freitas Cunha passou a ter alguns problemas pelo fato de ser ele o autor e executor da idéia. Talvez estivesse mais em evidência de que alguns hierarquicamente superiores. Teve que afastar-se da Novacap. Contrariado por deixar sua "filha" ainda sem criar, foi estudar informática nos Estados Unidos.

Quando voltou ao Brasil, Rogério Freitas Cunha viu uma satélite diferente da que havia projetada onde houvesse um interrelacionamento grande



O seu maior prazer era mostrar o mutirão aos visitantes

entre seus habitantes, com um comércio que atendesse às necessidades da população.

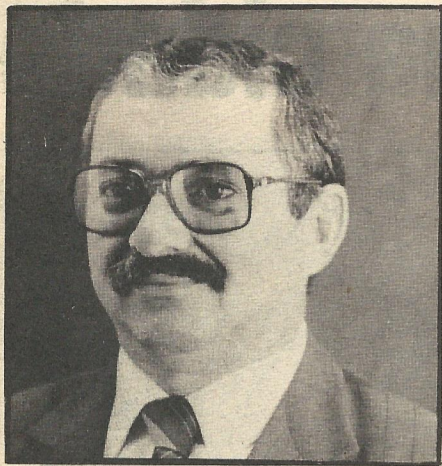
— Muita coisa foi mudada do projeto original do Guará. Não gostaria de enumerar o que mudaram e nem quem fez as mudanças, para que ninguém possa ser identificado como autor de erros — reclamou certa vez ao Jornal do Guará.

Rogério Freitas Cunha faleceu em 1985 quando exercia sua outra paixão, além do Guará — era funcionário da Divisão de Informática do Tribunal de Contas do DF.



O primeiro grupo em frente à primeira casa

OS ADMINISTRADORES



Hélio Pereira Leite

Em 1973 o GDF começava a construir o Guará II. Não havia mais como centralizar todos os interesses e ações administrativas de tantos habitantes no Palácio do Buriti. Havia urgência na criação de um centro administrativo no Guará. Em setembro de 1973, HÉLIO PEREIRA LEITE era nomeado Administrador Regional do Guará. O primeiro. Hélio era até então assessor técnico do Secretário de Governo de Elmo Serejo de Farias, Joiro Gomes da Silva.

A primeira tarefa de Hélio foi encontrar um local para o sede da nova Administração. Obteve da SHIS a sessão temporária de três casas na QE 24. Não chegou a mudar de lá. Oito meses depois ele deixava o Guará, após o término do Governo Elmo Serejo. Mas deixou pronta a sede definitiva da Administração, a mesma atual.

Como o primeiro Administrador Hélio Pereira Leite enfrentou muitos problemas. Teria que ser muito sensato, muito seguro no que iria fazer, porque iria acarretar problemas futuros com obras mal feitas e decisões erradas. E foi resolvendo todos os problemas, mesmo dispondo de pouco tempo.

RUA SEM ESTACIONAMENTO

O primeiro grande problema para Hélio resolver referia-se às ruas do Guará I. Essas ruas eram gramadas e somente poderiam ser utilizadas por pedestres. O projeto, baseado num modelo inglês, previa que os carros ficariam todos estacionados num estacionamento central ao ar livre.

Os moradores não obedeciam e alegavam que não poderiam deixar seus carros longe de casa. Solicitamos então ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo permissão para rever o projeto. Reti-

ramos o gramado e calçamos as ruas de bloquetes.

O outro segundo grande problema era a feira livre instalada na QE 07. Na feira, aumentava o índice de prostituição, de venda de bebidas alcoólicas e de tráficos de tóxicos. Sentindo que os seus alunos saíam constantemente das salas de aula para irem à feira, a diretora do colégio do Guará, Teresa Maltese, solicitou ao Administrador a retirada da feira.

O LAZER, E AS CHUVAS

Preocupado com a falta de opções de lazer para o guaranaense, Hélio projetou o Centro Administrativo e Vivencial e Esportivo. Inicialmente chamava-se apenas CAV, sem o esportivo, pois pretendia-se concentrar no local todos os órgãos do GDF no Guará.

Nesse nosso trabalho de integração utilizamos muito o lazer. Realizamos o primeiro baile de debutantes do Guará, no Colégio do Guará e incentivamos a criação do Grupo de Teatro Sérgio Cardoso, por exemplo.

O maior problema que o primeiro Administrador enfrentou foi com as chuvas. As quadras mais baixas eram alagadas, gerando muitas reclamações dos moradores.

Quando um morador reclamava que as chuvas tinham invadido suas casas, fomos até lá e solicitávamos ao vizinho de fundo permissão para furar o muro para o escoamento das águas. Poucos aceitavam e tínhamos que insistir. As próprias casas onde estava a Administração eram facilmente alagadas.

Hélio conta um caso interessante de um morador que perdeu suas compras, levadas pelas águas. Esse morador foi até ao Administrador exigir que ele repusesse o que tinha perdido.

Início da Sede da Administração.

Mudança dos estacionamentos do Guará I

Transferência da Feira da QE 07

Primeiro Baile das Debutantes

Ampliação do CAVE

Ampliação da rede de esgoto

Troca da grama por bloquetes

Eduardo Mundim

De todos os Administradores que o Guará teve, Eduardo Mundim Pena foi o que mais participou da vida da cidade. 8 anos antes de assumir a Administração local, em junho de 74, ele tinha sido um dos responsáveis pela criação da cidade satélite do Guará, ou melhor, do mutirão. Em todas as suas fases de vida a cidade teve a participação de Mundim. Participou em 1966 da escolha da área do Guará, quando o prefeito do Distrito Federal era Plínio Catanhede.

Na época eu era chefe da Divisão de Patrimônio da Novacap, que era encarregada de registrar as plantas de Brasília, informando ao GDF as destinações das áreas.

Depois de iniciado o mutirão, Eduardo Mundim Pena foi indicado pela Novacap para ser o fiscal da implantação do loteamento. O responsável pela obra era o Dr. Cleber Farias Pinto, da SHIS.

VOLTOU COMO ADMINISTRADOR

Em 1974, Eduardo Mundim Pena era Administrador Regional de Taguatinga. Com a posse do Governador Elmo Serejo Farias, foi indicado Administrador do Guará. Em Taguatinga, tinha implantado praticamente toda a estrutura dos serviços públicos.

Assim que assumiu no Guará, Eduardo Mundim promoveu uma reunião com as empreiteiras e a direção da Novacap e exigiu maior rapidez na execução das obras. Achava ele que tudo estava sendo feito com muita morosidade.

Com a experiência de Taguatinga, sentiu logo a necessidade de se criar mais opções de lazer para a população guaranaense. Resolveu ampliar o CAVE.

Quando apresentei o projeto, o Departamento de Arquitetura e Urbanismo DAU não concordou, arumentando que eu nem havia terminado totalmente o Centro Desportivo

de Taguatinga que, assim não deveria fazer o mesmo no Guará. Assessorado pelo Engenheiro Nelson Pierre Mattei, consegui driblar a resistência do DAU. Nelson preparou um projeto onde seriam acrescentadas outras opções para a área, sem a conotação de esportivo. Aproveitei a aprovação do DAU e acrescentei o estádio de Kartódromo e o lago. O coordenador da construção do CAVE foi o engenheiro Vicente de Paulo Lopes. Foi ele também que criou o primeiro asfalto do Guará I. Não havia asfalto, e ele inventou um piso pré-misturado.

AS PRINCIPAIS OBRAS

Eduardo Mundim Pena foi o responsável por toda a rede de esgoto do Guará. Construiu meios-fios, passeios e minicentros esportivos. Trocou a grama das ruas de acesso do Guará por bloquetes. Por causa dos bloquetes aconteceu o primeiro desentendimento de Mundim dentro do GDF. As empreiteiras de asfalto pressionaram o Governador para que não permitisse os bloquetes. Mundim descumpriu as recomendações. No dia da inauguração, o secretário de governo Ivan Guanais, assim que desceu do carro e viu os bloquetes em vez do asfalto, voltou para o carro e foi embora.

Eu tinha o apoio integral do governador Elmo Serejo em tudo o que fazia. Consegui que uma verba calculada em Cr\$ 20 milhões fosse ampliada para Cr\$ 63 milhões em 68. Refiz o levantamento do governo e mostrei que precisaria de Cr\$ 63 milhões para terminar a urbanização do Guará. Como o Governador tinha assinado o contrato com o BNH sem definir o valor do repasse, consegui o que havia solicitado. Quando saí deixei em caixa mais de Cr\$ 40 milhões, verba suficiente para ter urbanizado todo o Guará. Soube depois que essa verba tinha sido desviada para Taguatinga.

OS ADMINISTRADORES



Olímpio Barbosa

Olímpio Barbosa Filho, professor, era o Administrador de Taguatinga em 1976. Cansado com as atribuições que o crescimento da cidade lhe exigia, pediu que o GDF lhe desse outra função. Foi ser o Coordenador das Administrações Regionais. Com a saída inesperada do professor Eduardo Mundin Pena, foi designado Administrador do Guará.

— Quando cheguei ao Guará, a cidade já tinha ultrapassado os 100 mil habitantes e essa comunidade exigia melhorias e equipamentos para melhorar suas vidas. Fizemos inicialmente reuniões com a comunidade para que tivéssemos subsídios para que o nosso Governo fosse voltado para os seus anseios. Eram reuniões regulares de 15 em 15 dias, e delas participavam as entidades representativas da comunidade que existiam.

A Administração continuava a funcionar nas casas da QE 24. Olímpio cuidou de executar o projeto da sede da Administração, e de todo o CAVE, preparado por Hélio e Mundin. Além da Administração, foi construído o Teatro de Arena, os galpões da garagem e depósito, e o estádio.

— Nossa preocupação inicial era realizar obras que pudessem integrar a comunidade, de forma a reverter a situação de cidade dormitório em que ela foi projetada.

Construiu 15 praças (7 no Guará I e 8 no Guará II), minicentros esportivos e procurou estimular a participação da comunidade nos seus problemas.

— A população do Guará passava por uma terceira fase. A primeira foi dos moradores que vinham apenas dormir e não incomodavam com mais nada; a segunda, era a dos moradores que adquiriram as

casas dos primeiros e as reformavam; e a terceira, era a dos que progrediam e construíam os sobrados. E essa passava a ser mais atuante e mais exigente.

MENOS RECURSOS

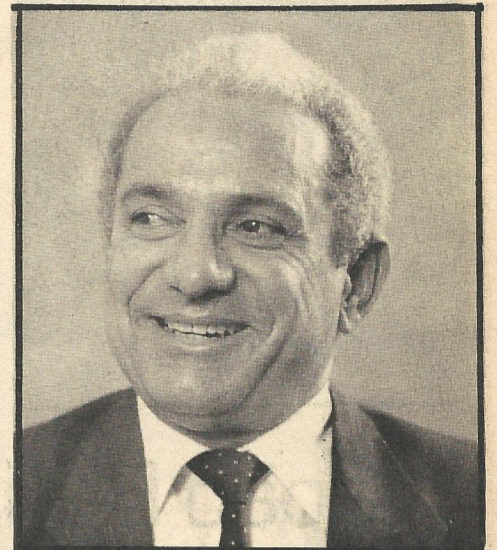
Construiu a pista central e ampliou o sistema de transporte que atendia a população Guará II. Corrigiu e consertou vias, e cuidou da iluminação de praças e ruas.

— Não fizemos mais por falta de recursos. Na época o governador Elmo Serejo Farias destinava a maior parte dos recursos para o Plano Piloto. A prioridade era o sistema viário do Plano, com a construção de viadutos e sinalização, o Parque da Cidade. Sobrava pouco para as Administrações.

Um dos grandes problemas enfrentados por Olímpio Barbosa Filho foram os alagamentos e a retirada das oficinas. Por falta de recursos, não pôde resolver nenhum dos dois, mas deixou pronto o projeto do Setor de Oficinas.

A FEIRA DE ARTE

Um fato interessante da Administração Olímpio foi o cuidado com a conservação das escolas oficiais. Foi criada a Comissão de Reparos, formada pela mão-de-obra e os materiais fornecidos pela Secretaria de Educação e Cultura, e a execução e coordenação dos trabalhos pela Administração. Toda quinta-feira, as diretoras dos dois Complexos (existiam dois Complexos) encaminhavam ao Administrador a relação do que deveria ser consertado ou feito. Na sexta, se reuniam Administrador e diretoras, e definiam as prioridades. Na segunda se executava o serviço.



Francisco Brandes

Uma tarefa difícil e inesperada. Para quem estava acostumado a passar tarefas de matemática em Sobradinho, de repente assumir a Administração Regional do Guará era um desafio. E Francisco José Piniheiro Brandes topou. Quase não conhecia o Guará.

— Antes de assumir, vim um dia conhecer um pouco da cidade, com minha mulher. Andando pela cidade, me perdi, e tive que pedir informações para encontrar a saída. Esse fato mostrou que eu deveria preocupar com a integração e conhecer mais a cidade, que parecia dispersa, distanciada.

A primeira atitude de Brandes foi reunir as lideranças comunitárias e com elas traçar o seu programa de Governo. Precisava estimular uma maior participação comunitária.

— Na minha posse um companheiro que veio prestigiar disse-me que eu tinha sorte por receber uma cidade sem problemas e que o povo não reclamava nada. Concluí naquele momento que era preciso acordar as pessoas para participar mais da vida da cidade, porque problemas eu tinha certeza que haviam.

Os primeiros atos do novo Administrador foram a conclusão do CAVE, com a construção do Salão de Múltiplas Funções. Depois vieram a ampliação da sede da Administração, e a mudança da feira livre.

Construiu 15 minicentros esportivos, reconstruiu o Unidade de Vizinhança, reformou as praças públicas e construiu 4 praças de esportes.

ILUMINAÇÃO E INTERLIGAÇÃO DAS QUADRAS

De Administrador para Administrador, o problema dos

alagamentos provocados pelas chuvas rolava, sem uma solução definitiva. Brandes ampliou o sistema de águas pluviais em todo o Guará, principalmente nas quadras 17, 19, 30 e 32. Duplicou a pista do Guará I e interligou todas as quadras do Guará II.

— Procuramos sempre como prioridade atender aos reclamos da comunidade. Todas as nossas obras atenderam a sugestões e reclamações do guaraense.

O SETOR DE OFICINAS E A FEIRA

Duas das principais obras do Governo Brandes são sem dúvida a implantação do Setor de Oficinas e a Construção da Feira Livre Coberta. O Setor permitiu a fixação e a setorização da pequena indústria local e a Feira ampliou a sua importância como atração, não só para o guaraense como para o brasileiro.

Antes de sair para assumir a Secretaria de Administração a convite do Governador José Aparecido, Brandes revelava que para completar sua obra como administrador faltava a retirada das lagoas de oxidação a passarela na QE 1 e a ampliação dos limites da área do Guará, três problemas pelos quais mais lutou para resolver.

A retirada das lagoas foi condicionada à conclusão da Usina de Tratamento do Lago Sul e a ampliação da cidade contínua dependendo do redimensionamento do Distrito Federal.

Durante sua gestão, Francisco Brandes procurou ouvir as reivindicações da comunidade fosse através dos líderes ou de qualquer morador que o procurasse.

Construção do estádio e Teatro de Arena

Criação de 15 praças

Abertura da pista central do Guará II

Manutenção das escolas

Salão de Múltiplas Funções

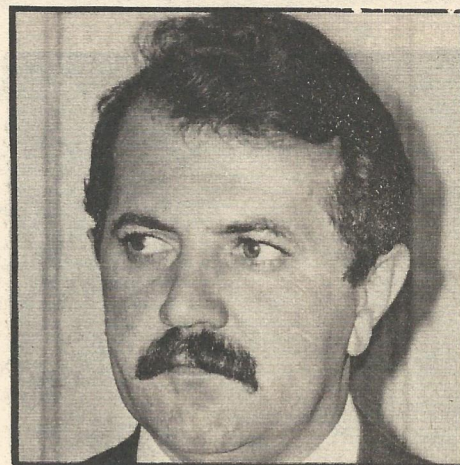
Reforma das praças públicas

Ampliação do prédio da Administração

Criação de 15 minicentros desportivos

Construção da feira livre

OS ADMINISTRADORES



João Batista

O pioneiro que construiu sua própria casa na QE 1, no início do mutirão, certamente nunca imaginou que um dia viria a ser administrador regional de sua cidade. No início de 68, funcionário do GDF, João Batista Lopes Correa integrava um grupo disposto a construir suas próprias casas em regime de mutirão. No árido cerrado que margeava o córrego Guará João Batista e seus companheiros de grupo levantaram 10 casas, depois sorteadas entre os participantes. Lembra ele que onde está sua casa havia um frondoso piquizeiro, a árvore mais comum no lugar.

Para participar do mutirão, todos os interessados tinham que sair de férias e ainda recebiam mais 20 dias de abono. Foi o tempo gasto pelo grupo para a construção da fila de casas, entregues pessoalmente pelo superintendente da Novacap, Rogério Freitas Cunha. João Batista lembra que no dia da entrega Rogério colocava os papeizinhos com os nomes de todos no seu famoso chapéu de palha e procedia o sorteio. "Ninguém se preocupava onde iria ficar sua casa. Não havia egoísmo entre os participantes. Depois de tanta luta juntos, o clima de solidariedade era muito grande", lembra ele.

Ainda em 68, reuniu um grupo de maçons que tinha vindo da Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, e outros maçons espalhados entre os pioneiros, e juntos fundaram a Loja Maçônica Mutirão nº 2, hoje a mais antiga do Guará.

INDICAÇÃO SURPRESA

A disputa política para a indicação do sucessor de Brandes em 85 na Administração Regional irritou o Governador José Aparecido. Percebendo que seria difícil conciliar os diversos interesses dos grupos que o pressionavam, o Governador resolveu tirar do bolso do colete uma solução caseira. Para surpresa geral, indi-

cou o seu diretor da Divisão de Administração Geral, respaldado na última hora pelo Partido da Frente Liberal, onde permaneceu.

- Aceitei porque sabia que não teria dificuldades de adaptação, afinal a cidade eu conhecia muito bem, e a estrutura do GDF também. Por outro lado, o prazo que dispunha era curto e não havia tempo para reconhecimento de terreno, diz João Batista, que em função da falta de recursos foi priorizando as obras de sua administração.

A sua maior preocupação era "o que podia fazer no tempo em que permanecesse como administrador e não por quanto tempo fosse ficar".

Assim que assumiu, a primeira providência foi ampliar o estacionamento da Feira, insuficiente para a demanda de pessoas que cada vez mais procuravam o local para suas compras. Ampliou também o Salão de Funções do Cave e iniciou a construção do Clube Unidade e Vizinhança do Guará II. Concluiu o Ginásio Coberto e promoveu o recapeamento do Guará I.

As obras de maior vulto de sua administração foram a urbanização das entrequadras 13/15, 1/3 e 32/34, dando início ao projeto de urbanização de todas as áreas públicas do Guará.

Como pioneiro, e morador próximo à EPTG, João Batista sempre participou dos movimentos para a construção de uma passarela de pedestres na altura da QE 01. Como administrador seria a chance de construí-la. Levantou custos, tecnologia, preparou tudo e aguardou a visita do governador José Aparecido, para apresentar o projeto da passarela. Aparecido que havia planejado o Conjunto Lúcio Costa preferiu localizar a passarela na altura da QE 8, mesmo sob os argumentos e números que comprovavam a necessidade maior da QE 01.

Divino dos Santos

Com a representação política no Distrito Federal os partidos passaram a existir oficialmente e ter peso nas indicações dos cargos do GDF. Foi o caso da Administração do Guará que na aliança democrática do Governador Aparecido passou a ser ocupada alternadamente por PFL e PMDB. Na reforma do quadro de administradores regionais o pefelista João Batista cedeu o cargo para o peemedebista Divino Alves dos Santos.

Desde que assumiu a administração do Guará, em 27 de julho do ano passado, o professor Divino Alves dos Santos garante ter dado continuidade ao trabalho iniciado por seus antecessores. Para o administrador, o importante é trabalhar juntamente com a comunidade, numa participação que inclui ouvir, envolver e comprometer com o povo, com os problemas comuns aos guaraenses.

O essencial e mais esperado pela população do Guará, Divino sente que é a urbanização das entrequadras do Guará I e II; a alteração do sistema viário no Guará I, principalmente quanto à sua adequação ao trânsito tem sido também reivindicação constante, que o administrador continua insistindo com órgãos competentes para a resolução do problema.

A moradia é outro aspecto debatido e que Divino defende, principalmente a expansão, para ele, uma responsabilidade de sua administração, querendo criar espaços para novas unidades residenciais como a locação de áreas comerciais e oficinas.

- Não há prioridades nem escalas de importância - comenta Divino - uma coisa complementa outra: moradia, lazer, educação, segurança, saneamento básico, comércio, saúde, uma consequência de tudo, observa ele.

O QUE JÁ FOI FEITO

A população beneficiada com as obras entregues pela

passagem do aniversário do Guará estima-se em Cz\$ 200 milhões diretamente. A construção do Parque da Feira Livre, compreende desde arborização, gramado, passeios, meios-fios, estacionamentos e anda equipamentos recreativos. Tudo isto vale para as quadras polivalentes e os parques infantis que foram construídos na administração do professor Divino.

A urbanização da entrequadra 19/21, estacionamento em seis blocos residenciais e comerciais também foram inaugurações importantes nesta gestão. Espera-se ainda a concretização do calçamento das entrequadras 28/30 e 34/36, ainda para maio.

A QE 38, foi beneficiada com o piso asfáltico, em 80% da quadra. Para construir os 3.000 metros de calçada naquela localidade, realizou-se um mutirão com os moradores cedendo a mão-de-obra e os recursos da Administração.

Na área de educação, muitos problemas foram levantados. Em reunião com o Secretário de Educação, em novembro passado, foram questionados a falta de um curso Normal no Guará, havendo a necessidade de estudantes se deslocarem para Taguatinga ou Plano Piloto. Passe estudantil, deficiência de urbanização nas escolas, dificuldade de deslocamento para os postos da Fundação de escola de construção da QE 38, entre outros, foram as identificações do ensino guaraense.

No setor da indústria e comércio, as falhas observadas, estão no grande número de oficinas em lotes residenciais, que trazem transtorno à comunidade, deficiência do comércio na QE 38, deficiência de edificações para o comércio em diversos setores do Guará, ociosidade de todo o equipamento da feira livre durante a semana, até a ausência de clube social que comporte a comunidade guaraense.

Os moradores do Guará ansiosos pela falta de segurança, podem se tranquilizar, pois em reunião para debater o assunto no mês de março, o Secretário garantiu que 25% dos problemas de furtos em residências já estão sendo sanados, com o novo esquema de policiamento do Guará.

A VOLTA AO GUARÁ EM 100 DIAS

Um relatório de novembro do ano passado, mostra de forma clara as realizações do professor Divino, em 100 dias de atuação, levando em consideração a continuidade das propostas e trabalhos anteriores e ao mesmo tempo a implantação de uma sistemática que permita a participação ativa da comunidade, a chamada "Administração Participativa"

Os projetos e atividades foram muitos:

- Urbanização da QE 34/36; 28/30;
- Construção de uma quadra de esportes na QE 38;
- Implantação de redes de águas pluviais na QE 24 e na QE 15/17;
- Recuperação do brise do Ginásio de Esportes do Guará; da oficina e da tribuna do Kartódromo;
- Implantação de fase inicial da nova sinalização do Guará, com a colocação de 85 placas de endereçamento.

Contatos, reuniões com entidades e associações foram realizadas, para tratar de assuntos específicos a cada um, com resultados sempre positivos.

Reuniões com órgãos públicos com representação no Guará, encontros comunitários com propostas significativas para os grupos, com secretários de pastas do GDF, com carroceiros que prestam serviços à comunidade, comemorações de datas especiais como Dia da Pátria, Dia da Criança, marcaram épocas na atual Administração.



Guará 19 anos depois

No aspecto comercial



Falta de espaço prejudica expansão

Como a idéia inicial era fazer uma satélite totalmente dependente do Setor de Indústria e do Plano Piloto, os espaços comerciais foram dimensionados para abrigar atividades chamadas "pronto socorro", ou seja, aquelas de necessidade imediata da dona-de-casa, como padaria, farmácia, quitanda, etc.

Dez anos depois é que foi criado o centro comercial da QE 07, também com erros estruturais que continuam impedindo a ampliação do comércio no local. Os melhores espaços são ocupados pelo Banco Regional, Caixa Econômica e pelo Supermercado Bem Bom. As outras lojas são pequenas e a

maioria das salas está ocupada por profissionais liberais e pequenos escritórios. A galeria Karim amenizou um pouco os problemas mas também não foi a solução porque o prédio pertence ao proprietário do cinema, o que provoca uma rotatividade de lojistas e lojas, principalmente quando dos reajustes dos aluguéis.

As indústrias por seu lado conseguiram se acomodar no Setor de Oficinas em lotes de apenas 200 metros, o que também impede a expansão dos seus negócios, ou então provoca a invasão das calçadas com grades e toldos. Dentro da cidade, na área residencial, continuam quase 400 microempresas que agora estão se movi-

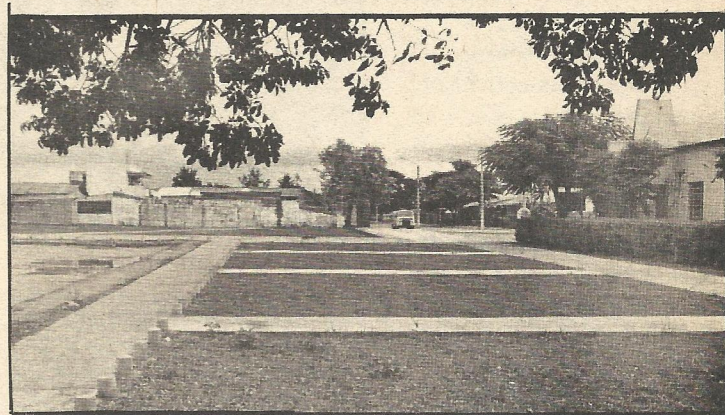
mentando para conseguir a ampliação do Setor de Indústrias, reivindicação respaldada pela Administração Regional e Associação Comercial do Guará.

Depois da QE 07 e Setor de Indústrias e Oficinas o outro ponto considerado de melhor localização é o Edifício Consei, no Guará II, que sofre dos mesmos problemas da QE 07, com apenas 8 lojas e quase 150 salas que estão sendo improvisadas na sua maioria em lojas e principalmente com a indústria da confecção.

Há três anos a Terracap não licita terrenos comerciais no Guará, apesar dos insistentes pedidos dos empresários e dos dois últimos administradores regionais. Somente no Guará existem ainda três lotes para projeções comerciais sem que a empresa providencie a licitação ou dê explicações para não fazê-la.

Recentemente, o GDF anunciou a liberação de lotes comerciais em regime de ocupação provisória para que posteriormente esses beneficiários possam adquiri-los desde que tenham feito bom uso do terreno nos três anos da ocupação. Esta é, na opinião do administrador regional, Divino Santos, e dos empresários a única forma de atender aos pequenos comerciantes e industriais do Guará sem o risco da especulação imobiliária com a licitação.

No aspecto urbanístico



Trânsito confuso e urbanização quase completa

O confuso traçado do Guará I foi corrigido no Guará II, mas ainda com alguns equívocos próprios do estigma da cidade dormitório. No Guará I não há uma padronização nos tamanhos das quadras, dos lotes, das casas, o que dificulta a localização de endereços. Mesmo com o traçado padronizado, as quadras do Guará II isolam seus comercios das outras quadras.

O maior problema do traçado do Guará é provocado pela pista central do Guará I, que há muitos anos é motivo de polêmica e desentendimentos entre o Detran e a Administração Regional, e entre os dois e os comerciantes da QE 07 e QE 20.

No início era uma pista só com duas mãos, provocando acidentes e atropelamentos com frequência. Há cinco anos, a Administração Regional alargou a pista dividindo-a em duas e criando dois retornos. O Detran recusou-se a sinalizá-los porque segundo o órgão, feriam as normas da engenharia de trânsito. Algum tempo depois os dois órgãos se entenderam parcialmente e nos dois balões foram colocados semáforos.

No segundo semestre de 87, alegando necessidade de correção do sistema viário do Guará, atendendo às reclamações de pedestres e moradores,

manifestadas através de abaixo-assinados, o Detran fechou os dois balões sem consultar a Administração e os comerciantes, que preferiam outras alternativas que pudessem melhorar o trânsito no local sem prejudicar os comércios próximos.

Ainda como solução para melhorar o sistema viário da cidade, os moradores das quadras externas do Guará I e a própria Administração Regional estão propondo à Secretaria de Viação e Obras e ampliação da pista de anel externo do Guará II para o Guará I, para que o trânsito possa desafogar as pistas centrais e entradas e saídas da cidade, além de facilitar o acesso a essas quadras.

Todas essas mudanças estão sendo colocadas num único projeto que pretende repensar todo o sistema viário do Guará, que inclui também uma pista de acesso ao Setor de Indústrias e Oficinas pelos fundos do Cave, ao lado da futura pista do metrô de superfície que cruzará o Guará em direção à Taguatinga.

O projeto foi inclusive encomendado à Codeplan, e segundo os cálculos da Administração Regional pode ser incluída na pauta das obras do segundo semestre ou início do próximo ano, dependendo da disponibilidade de recursos do Governo.

No aspecto social

Desaparecem favelas mas ficam as casas de fundo

O Guará é a única cidade satélite que não tem mais favelas no seu perímetro urbano e a que tem menos problemas com criminalidade e carentes de modo geral.

A maior preocupação de algumas instituições comunitárias e da Administração Regional é com o déficit habitacional, na medida que aumenta a proporção entre a ocupação de residências de fundo de quintal e a diminuição dos espaços residenciais, ocupados com projeções repassadas a mutuários da classe média e alta, principalmente a que está saindo do Plano Piloto.

Segundo dados da Associação Pró-Inquilinos do Guará, existem quase 9 mil moradores de fundo de quintal na cidade e sem perspectivas de serem atendidos com residências no Guará. Pequena parte poderá ser afixada nas expansões do Projeto Lúcio Costa e

nas futuras quadras 40 e 42, que estão sendo disputadas também pelos empresários, que alegam a necessidade de espaço maiores para fixarem residência sem que seja preciso saírem e levarem depois suas empresas.

Nessa luta, Pró-Moradia e a Associação Integrada do Povo do Guará - Assimpra conseguiram colocar no Lúcio Costa 320 inquilinos do Guará inscritos na SHIS.

Um dos motivos que arrefeceu a política de assentamento de tavelados e inquilinos foi a especulação imobiliária verificada nos assentamentos da QE 38 e em todos os outros do Distrito Federal. Três anos depois de inaugurada, a QE 38 não abriga sequer 10% dos contemplados inicialmente, sendo que durante esse período várias casas mudaram de proprietários sem que ne-

nhum deles pagasse qualquer taxa de ocupação. Hoje, a maioria das casas, em poder de uma classe de maior poder aquisitivo, está recebendo uma nova roupagem com reforma e ampliação.

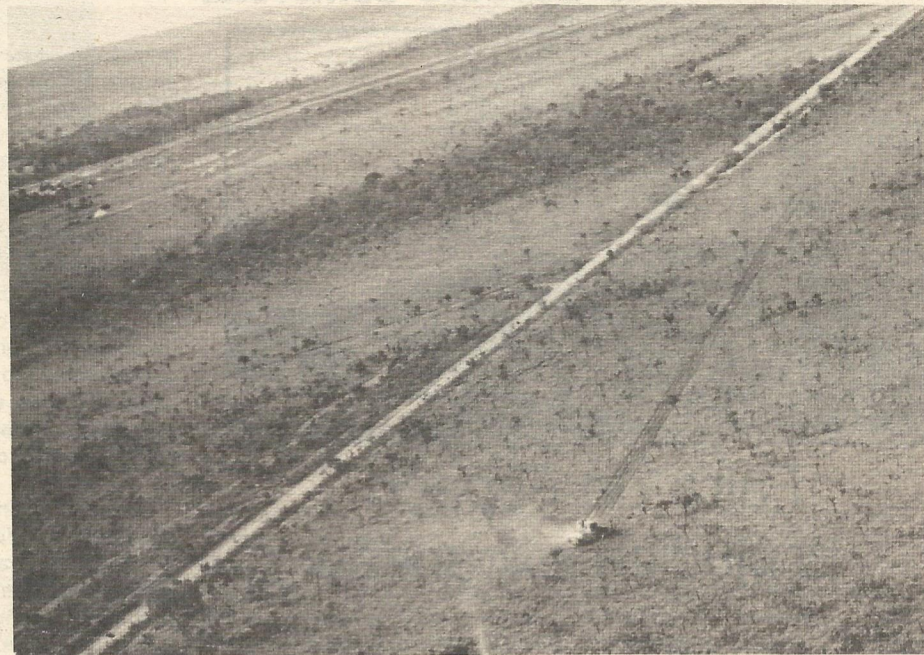
No aspecto de assistência social, as instituições de serviço e o CDS praticamente conseguem atender às carências que existem. Velhos, menores, mães solteiras, alguns favelados, são motivos constantes de campanhas de assistência. Para os menores, por exemplo, o CDS dispõe do Cebem, na QE 01, onde os carêntes recebem reforço alimentar, escolar e médico. Os velhos estão sendo assistidos pelo programa Terceira Idade, onde quatro grupos de quase cem participantes cada praticam esporte, lazer e recreação.



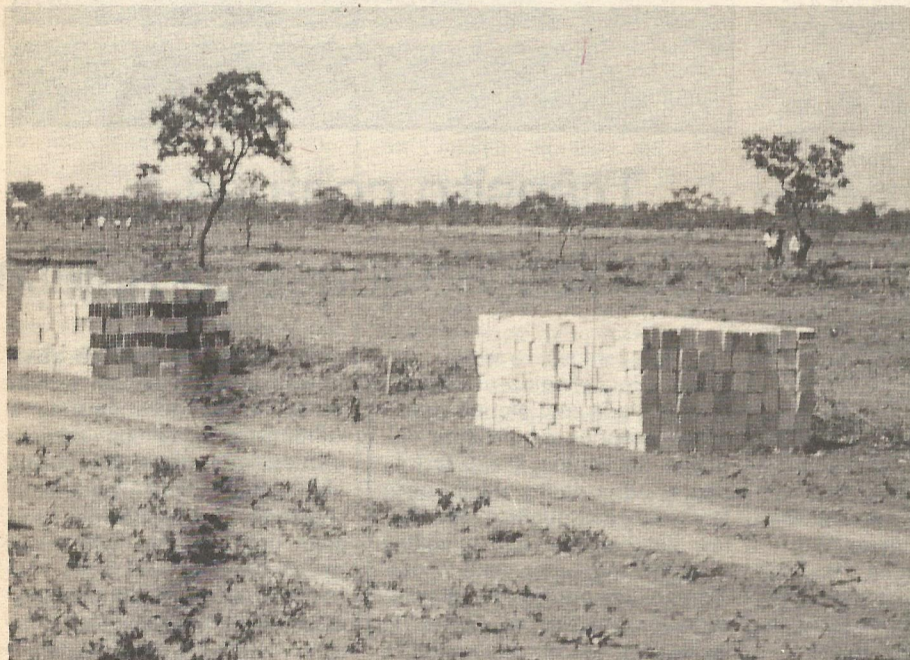
Assim começou o Guará...



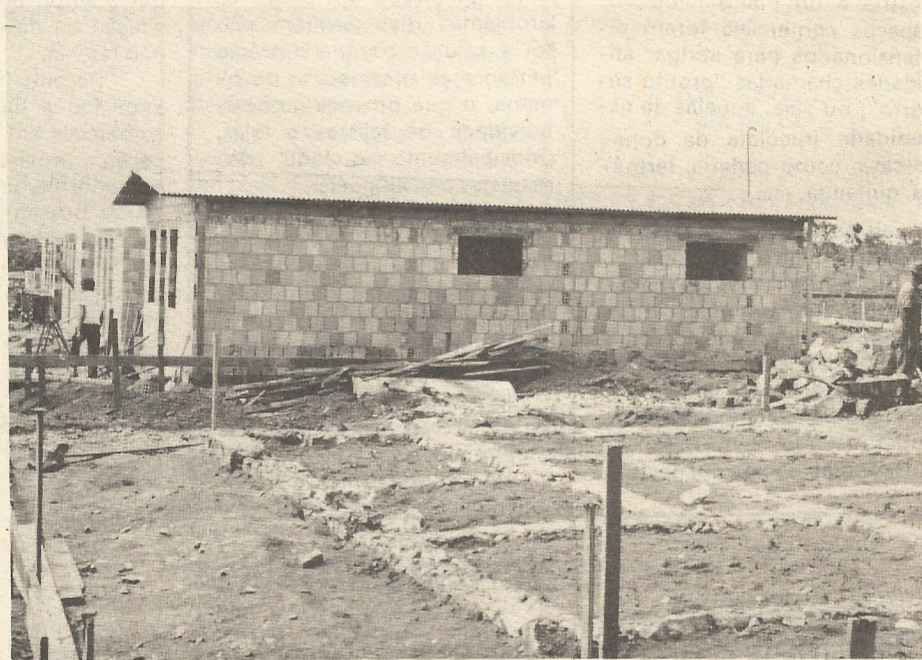
Técnicos iniciam a medição da primeira rua ...



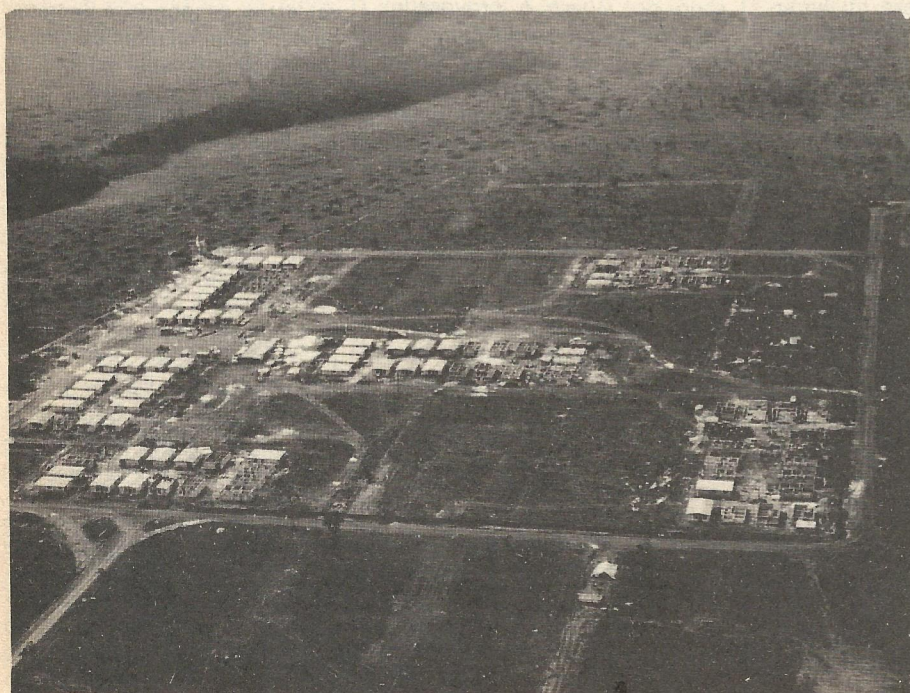
Que seria aberta no cerrado árido ...



Onde seriam colocados os primeiros tijolos ...



Para a construção das primeiras casas ...



Que formariam a primeira quadra ...



E daí à outras quadras.